



O Jornalismo Literário nas imagens de Freud e Lacan: por uma teoria psicanalítica do jornalismo¹

Felipe PENA²

RESUMO

O presente artigo é parte da pesquisa de pós-doutorado do autor, realizada durante o ano de 2008 na Universidade de Paris – Sorbonne III. Investiga-se a possibilidade de abordar o gênero Jornalismo Literário a partir de um estudo psicanalítico sobre as imagens que o constituem. As reflexões apresentadas são uma tentativa de diálogo com o François Jost (2007), que propõe a utilização do conceito de promessa no lugar da idéia de pacto de leitura para o estudo dos gêneros, além de analisar a constituição das imagens em sua relação com a realidade. Para tanto, a opção metodológica se concentra sobre o conceito lacaniano de desejo, articula-se com o pensamento de Sigmund Freud e esboça caminhos para uma teoria psicanalítica do jornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: teoria do jornalismo; psicanálise; imagem; jornalismo literário.

1. Introdução

Em trabalho publicado na Revista Brasileira de Ciências da Comunicação (PENA 2006a), fiz uma comparação entre as sistematizações teóricas dos pesquisadores de jornalismo no Brasil, na Europa e nos Estados Unidos, tomando como referência principal o trabalho da professora Barbie Zelizer (2005), que divide os estudos jornalísticos em cinco modelos: sociológico, histórico, lingüístico, político e cultural.

Logo na introdução, destacava que tal classificação diferia das sistematizações de autores italianos, espanhóis e portugueses, entre eles Mauro Wolf, Lorenzo Gomis, Nelson Traquina e Jorge Pedro Souza, e brasileiros como José Marques de Melo e Nilson Lage, entre outros. Além disso, no livro *Teoria do Jornalismo* (Pena, 2005), também propus uma classificação diferente, pois, assim como Traquina e Souza, acreditava que a teoria do jornalismo deveria ter como ocupação principal investigar por que as notícias são como são e quais são os seus efeitos, embora também apontasse

¹ Trabalho apresentado no NP Jornalismo do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do Programa de Mestrado e Doutorado em Comunicação da Universidade Federal Fluminense. E-mail: felipepena@globo.com.



outras metas como objeto de estudo: 1- as próprias técnicas de narração da notícia, 2- os aspectos semiológicos do discurso jornalístico, 3- o estudo das diferentes funções do profissional de imprensa e 4 - a análise das editoriais específicas.

Na mesma trilha, acredito que é possível incluir no campo teórico uma abordagem histórica, ética e epistemológica do jornalismo, bem como discussões estilísticas, instrumentais e de gênero, pois constituir uma teoria unificada não significa partir para um isolamento científico. O movimento deve ser exatamente contrário, com a incorporação de outros saberes pertinentes e o diálogo com teorias análogas.

Como exposto na conclusão do livro (Pena 2005), a reflexão crítica sobre o jornalismo é imprescindível. Precisamos entender nossos problemas, buscar caminhos, encontrar soluções. Precisamos saber os motivos da crescente desconfiança do público. Precisamos enxergar nossos preconceitos e estereótipos. Precisamos reconhecer nossas próprias limitações como profissionais de imprensa, não só incentivando a pesquisa científica, mas participando dela. Ao defender uma teoria unificada como um campo de conhecimento específico, o objetivo é exatamente refutar a idéia de que os procedimentos jornalísticos constituem um saber autônomo e auto-suficiente. A efetivação de uma disciplina busca a interdisciplinaridade balizada. Ou seja, reconhece a multiplicidade de interpretações, mas aponta referências para as diversas análises.

É com esse pensamento que proponho enveredar por uma teoria psicanalítica do jornalismo, um caminho que não é apontado nem por Barbie Zelizer, nem pelos autores europeus supracitados. Obviamente, não pretendo apresentar uma sistematização teórica no curto espaço desta comunicação, mas apenas constituir um ensaio de interpretação em torno do conceito lacaniano de desejo, que é um dos pilares da teoria psicanalítica, tomando como objeto de análise o Jornalismo Literário e suas especificidades como gênero a partir do conceito de promessa desenvolvido por François Jost. No meio deste percurso, a presença fundamental de Sigmund Freud em suas reflexões sobre a imagem a partir de *A Interpretação dos sonhos* (Freud, 1900).

2. Gêneros e Promessas

As discussões teóricas sobre gêneros são antigas. Os intelectuais gostam de classificar as coisas, inventar nomes e fingir que têm domínio racional sobre o mundo. Ao dividir tudo em compartimentos, têm a ilusão de que podem controlar a natureza. E,

então, inventam ciências, criando leis deterministas para dar uma suposta estabilidade e previsibilidade aos fenômenos. Só que a lista “científica” aumenta geometricamente e, ao longo do tempo, a quantidade de informações motivou uma infinidade de novas divisões. De Aristóteles à sociedade moderna, passando pelos enciclopedistas do século XVIII, houve inúmeras mudanças nos diversos tipos de classificações.

Não existe, entretanto, forma mais eficiente de aprofundar o estudo de qualquer assunto. É verdade que, ao enquadrar determinado conhecimento em um gênero específico, limito meu horizonte de análise. Mas essa limitação também é uma ampliação. Por mais paradoxal que pareça, quando faço um recorte sobre um tema estou multiplicando as possibilidades reflexivas sobre ele, pois minha metodologia promove questões que podem servir para incentivar a criação de novos métodos, que promovem outras questões, e assim por diante. A pertinência de qualquer pesquisa está nas perguntas, não nas respostas.

No caso do texto (literário ou não), o objetivo fundamental da divisão de gêneros é fornecer um mapa para a análise de estratégias do discurso, tipologias, funções, utilidades e outras categorias. Ou seja, propor uma classificação *a posteriori* com base em critérios *a priori*. Para Dominique Mainguenu, no livro *Análise de textos de Comunicação*, todo texto pertence a uma categoria de discurso, a um gênero específico: “Tais categorias correspondem às necessidades da vida cotidiana e o analista do discurso não pode ignorá-las. Mas também não pode contentar-se com elas, se quiser definir critérios rigorosos.” (p.59) Ou seja, tanto os critérios como as classificações terão múltiplas variações, pois esta é sua própria dinâmica. O que torna a tarefa muito mais complexa do que parece, com fronteiras tênues e conceituações diversificadas.

A definição de gêneros vem desde a Grécia Antiga, há quase três mil anos, com a classificação proposta por Platão, que era baseada nas relações entre literatura e realidade, dividindo o discurso em mimético, expositivo ou misto. E foi nesta área que a teoria dos gêneros ganhou consistência, seja como agrupamento de obras por convenções estéticas, seja como normatizadora das relações entre autor, obra e leitor. Apesar das diversas mutações ao longo do tempo, há uma certa unanimidade para diferenciar alguns gêneros da literatura, como, por exemplo, poesia e prosa.

No jornalismo, a primeira tentativa de classificação foi feita pelo editor inglês Samuel Buckeley no começo do século XVIII, quando resolveu separar o conteúdo do jornal *Daily Courant* em *news* (notícias) e *comments* (comentários). Para se ter uma idéia da dificuldade em estabelecer um conceito unificado de gênero, esta divisão



demorou quase duzentos anos para ser efetivamente aplicada pelos jornalistas e, até hoje, causa divergências.

Ao longo do tempo, a maioria dos autores seguiu esta dicotomia para enveredar pelo estudo dos gêneros jornalísticos, tomando como critério a separação entre forma e conteúdo, o que gerou a divisão por temas e pela própria relação do texto com a realidade (opinião X informação), contribuindo assim para uma classificação a partir da intenção do autor. Por essa classificação, ele (o autor) realiza uma função, que pode ser opinar, informar, interpretar ou entreter. Mas será que a intenção é o ponto de partida mais adequado? Para Mainguenu, ela é apenas um dos caminhos. As funções também podem ser analisadas a partir da relação com os leitores ou com as instituições, só para citar dois exemplos.

François Jost (2004), em suas pesquisas na Sorbonne III, preocupa-se com a questão dos gêneros no discurso audiovisual. Entretanto, ele não só recusa o caminho da interpretação da intenção do autor, como também refuta a eficácia do conceito de pacto de leitura, tão presente nos estudos literários. Mas, ainda assim, continua ancorado na relação do texto com a realidade.

Para o professor francês, a noção de pacto é insuficiente porque pressupõe um contrato, cuja condição básica de efetividade seria a presença de ambas as partes, produtor e receptor, no ato da construção do discurso, o que não acontece com os produtos midiáticos. Portanto, a teoria do contrato só funcionaria no âmbito de uma comunicação recíproca como, por exemplo, a que se verifica na tradução simultânea quando o tradutor pede para o palestrante falar mais devagar. Nesse caso, ambos estabelecem os termos do que será veiculado.

A noção de contrato é então substituída pelo conceito de promessa. O que significa considerar o gênero como uma interface entre emissor e receptor, cuja marca principal é conter uma promessa ontológica ou constitutiva, que pode ou não se confirmar no momento de veiculação do discurso. “Todos sabemos que uma comédia deve fazer rir; é sua promessa” (Jost 2004, p.18)

Mas a piada nem sempre funciona, o que, no exemplo acima, quebra a promessa. O que fazer, então, para que ela seja cumprida? A resposta passa pelo reforço da classificação de gênero a partir de discursos externos. “Para influenciar as crenças dos telespectadores, as emissoras atribuem antecipadamente a denominação de gênero a um determinado programa.” (Jost 2004, p. 18)



O foco da análise de Jost é a televisão, mas suas conclusões valem para outras mídias. O que elas mostram é o reforço da promessa de gênero não no texto em si, mas em conhecimentos laterais sobre ele, ou seja, no peritexto. É o que acontece, por exemplo, quando leio um romance policial após a indicação de uma resenha em um caderno literário. Ou, então, quando leio uma biografia escrita por um historiador com doutorado em Harvard. No primeiro caso, houve um reforço do gênero ficcional presente nas histórias policiais, enquanto no segundo aconteceu o movimento inverso, o reforço da crença na veracidade das informações, ancorada não só na idéia de realidade difundida pelas biografias como nos próprios epítetos do autor.

Entretanto, o peritexto não é absoluto, pois, antes de tudo, ele também é um intertexto. No exemplo acima, o receptor pode perceber exatamente o contrário, caso, a partir de leituras anteriores, identifique que o romance policial se baseou em reportagens de jornais (teoricamente não ficcionais). Da mesma forma, pode verificar incoerências temporais no discurso biográfico que o levem a não acreditar na veracidade do texto.

A ressalva, no entanto, só confirma a força do peritexto como estratégia de imposição de sentido na era da publicidade. Quanto mais reforçada é a promessa, maior é sua possibilidade de aceitação junto ao receptor. Nesse sentido, os produtos midiáticos nunca devem ser analisados de forma isolada, pois sua classificação como gênero depende dos discursos paralelos:

“Analisar um programa televisual implica examinar todos os elementos que participam de sua comunicação: revistas editadas pelas emissoras para informar os profissionais, dossiês de imprensa, entrevistas com atores ou idealizadores, títulos, anúncios publicitários, etc. O conjunto dessas fontes contribui para formular a promessa feita ao telespectador, promessa essa cujo cumprimento será necessário conferir no espaço representado pelo próprio programa e com um público mais ou menos crédulo.”
(Jost 2004, p.30)

É sintomático que o conceito de promessa, conforme a análise de Jost, esteja centrado sobre o discurso televisual. Não há como negar a influência da televisão na sociedade contemporânea. Entretanto, mesmo antes de seu advento, muitos autores já se concentravam em estudar a força das imagens na constituição dos significados lingüísticos. E, por que não dizer?, nas promessas de constituição de tais significados.



Sigmund Freud ocupa lugar de destaque nessa lista. Jacques Lacan, auto-declaradamente o mais radical dos freudianos, estreitou ainda mais os laços entre a psicanálise e a lingüística.³ Seria possível, então, enveredar pela análise de um gênero específico, o jornalismo literário, a partir da interpretação psicanalítica das imagens que recaem sobre ele e, portanto, também a partir das promessas? E ainda: a psicanálise seria uma instrumental viável para ser incorporado às pesquisas da Teoria do Jornalismo?

Perguntas que não tentarei responder, mas apenas tangenciar, em forma de ensaio, nos próximos itens.

3. Imagens do Jornalismo Literário

Recentemente (Pena 2006 b), propus sete diferentes categorias para a identificação de um gênero híbrido, o jornalismo literário, em cujas divisões estariam incluídos sub-gêneros como *New Journalism*, biografias, ficção jornalística e romance-reportagem, entre outros.

No livro, defendo que o conceito está fundamentalmente ligado a uma questão lingüística. Como diria Nietzsche, a linguagem é inseparável do pensamento, cuja natureza é estritamente retórica. A informação que segue viagem pelas estradas neurais do cérebro é sintática e semântica. Estamos sempre *empalavrando* o mundo⁴. O que falta é valorizar a musicalidade.

Assim, defini jornalismo literário como linguagem musical de transformação expressiva e informacional. Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes (literatura e jornalismo), transforma-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose. Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma verossimilhança possível. Não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de jornalismo, nem de literatura, mas sim de melodia.

³ Principalmente porque Lacan se apropriou das idéias de Saussure e da ciência lingüística recém-criada, um instrumental ao qual Freud não teve o devido acesso.

⁴ Chilón, pág. 25.



Entretanto, cabe-me no espaço deste artigo discutir que imagens habitam a construção do próprio conceito que propus. Ou, para usar um termo psicanalítico, tentar entender que forças inconscientes constituem a tal melodia que apresento como epicentro do conceito. Para facilitar o percurso, vou me concentrar em apenas duas imagens, representadas pelos significantes “musical” e “transformação”.

Freud (1900) encontra na linguagem dos sonhos a via régia para o inconsciente. E isso é feito a partir de um método de interpretação completamente diferente de tudo que havia sido pensado até então. Ele tratou o sonho como sintoma, aplicando os mesmos procedimentos de que se servira nas psicose, com a vantagem de, nos sonhos, as portas da motilidade estarem fechadas. Para o autor, os sonhos proporcionam informações valiosas sobre o aparelho psíquico e, por isso mesmo, articulam a base de sua primeira tópica.

O resumo feito por Freud no ano seguinte à publicação da *Interpretação dos Sonhos* também é elucidativo. No texto intitulado *Sobre os sonhos*, é possível acompanhar sem dificuldades o pensamento do autor. Os exemplos são claros, baseados em sonhos do próprio Freud, como, aliás, não poderia deixar de ser, pois a análise de sonhos de terceiros (como no caso Dora) demandaria uma infinidade de páginas para descrevê-los.

Mas o que me interessa neste artigo são alguns conceitos metapsicológicos presentes no texto freudiano, como figuração, condensação, deslocamento, sobredeterminação e trabalho dos sonhos, bem como a análise das diferenças entre o conteúdo manifesto e os pensamentos latentes, pois acredito que tais conceitos podem ser a base para a estruturação de uma teoria psicanalítica do jornalismo.⁵

Para Freud, quanto menos sentido o sonho faz, maior é o trabalho de encobrimento do desejo, que é a causa do recalque, pedra angular de toda a teoria psicanalítica. O método de interpretação através da decomposição do conteúdo permite entender que o deslocamento e a condensação dos significados são empreendimentos do processo primário, que os utiliza para fazer associações. Além disso, compreendemos que o trabalho do sonho é um trabalho de velamento, e também transforma verbalizações em imagens (figuração). Mas o que me parece mais importante é a compreensão de que os significados não se esgotam, são múltiplos, como acrescenta o conceito de sobredeterminação.

⁵ Obviamente, uma teoria psicanalítica do jornalismo deve se valer de outros conceitos fundamentais da obra freudiana. Mas, neste artigo, cito apenas aqueles que estão presentes na *Interpretação dos Sonhos*.



Portanto, dentro do exemplo presente em minha proposta, que é o de analisar que forças inconscientes me levaram a conceituar o jornalismo literário como gênero, devo pensar que imagens estão deslocadas e condensadas nos significantes “musical” e “transformação”. Ou, em outras palavras, que desejos estão recalçados por trás dessa “figuração do verbal”. Para isso, poderia recorrer às reflexões de Jacques Lacan, cujo edifício teórico tem fundamental alicerce no conceito de desejo.

4. O desejo sobre um fundo de falta

Numa análise superficial, sou levado a acreditar que a expressão das imagens deslocadas e condensadas nos significantes supracitados está no próprio discurso, ao afirmar que “escrevo porque não sei fazer música” (Pena 2006, p.5). Seria uma espécie de ato falho, revelador incontestável dos desejos frustrados pela falta de qualquer talento musical. Entretanto, as idéias de Lacan tornam o empreendimento muito mais complexo.

No seminário de número oito (1961), o autor utiliza justamente a sonoridade da fonética francesa para exemplificar suas idéias sobre o desejo:

“Não se poderia confessar ao outro aquilo que é mais primordial, a saber, tu és o desejo (*tu és le desir*), sem ao mesmo tempo dizer-lhe matado o desejo (*tué Le desir*), isto é, sem lhe conceder que ele mate o desejo, sem lhe abandonar o desejo como tal. A ambivalência primeira, própria a toda demanda, é que, em toda demanda, é igualmente implicado que o sujeito não quer que ela seja satisfeita.” (p.202)

Para Lacan, portanto, o desejo só existe quando carrega sua própria morte. Em outras palavras, ele só existe sobre um fundo de falta. O carro do ano só vale se for o carro do ano que vem. Para o milionário, o importante é o próximo milhão. Não é o poder, mas uma potência de poder, que só permanece a partir de um infinito movimento de ausência no interior da presença.

O desejo é verbo intransitivo. Eu desejo, ponto final. Ele tem uma relação com os objetos apenas no nível das demandas realizadas, mas nunca completamente satisfeitas. Para toda demanda explícita, há sempre uma demanda implícita que está mais próxima do desejo. Assim, a demanda postergada é uma forma de provocar desejo, forma essa que se apresenta como a própria expressão da falta.



No âmbito de nosso objeto de estudo, que é a linguagem utilizada para definir o gênero jornalístico-literário, poderíamos dizer que o mais importante da fala é o que não está nela, pois a pulsão investe no vazio, não na linguagem. E, no entanto, o vazio também é linguagem.

Assim, o significante “transformação”, por exemplo, carregaria todo esse ciclo em seus possíveis significados. Eu poderia pensar que transformação boa é aquela que nunca termina. Do contrário, nem transformação seria. E, se por acaso, eu acreditasse no fim, seria apenas a ilusão de uma demanda satisfeita, nunca a expressão do desejo.

No mesmo caminho, o significante “musical” implica a impossibilidade de ler partituras ou articular notas harmônicas não a partir da frustração, mas a partir da busca infinita. E é exatamente este signo de falta que me leva a conceituar o gênero, numa referência ao vazio que jamais será preenchido, mas que tem força de desejo.

Ou seja, utilizar o jornalismo literário como forma de se aproximar de uma linguagem musical e de transformação é a expressão de um desejo que nunca se realizará. E isso é que faz dele desejo. É um eterno investimento na falta. É baldear o oceano com a palma da mão.

Voltando aos conceitos de François Jost, as imagens “musicais” e “transformadoras”, com suas devidas condensações e deslocamentos de significado, são as promessas que devo cumprir. Mas a única maneira de realizar esta tarefa é torná-la infinita. Esse movimento de eterna falta é também um eterno peritexto de confirmação do gênero, ou, usando as metonímias lacanianas, um pretexto para categorizá-lo como tal.

No sentido barthesiano, o melhor da festa é esperar por ela.

5. Conclusão

As idéias expressas neste texto não passam de provocações teóricas limitadas ao espaço do artigo. Não constituem conceitos rigorosos ou reflexões aprofundadas. São apenas um pequeno esboço ensaístico, cujo objetivo é incentivar a discussão da teoria do jornalismo no âmbito da psicanálise.

Muitas outras áreas do saber já foram incluídas nos estudos jornalísticos. Todas têm valor e são fundamentais para a área. A incorporação de teoria psicanalítica é mais um caminho por enveredar e em nada diminui os outros. Na verdade, representa até o



contrário, pois pode se juntar aos demais em análises interdisciplinares e dinâmicas. As reflexões de Freud, Lacan, Ferenczi, Klein e de tantos outros autores pode e deve ser explorada com o maior afincamento possível.

A Teoria do Jornalismo deve assumir seu lado científico, o que significa investigar evidências e construir enunciados passíveis de refutação, mas também deve assumir seu lado ensaístico, que não é contrário ao primeiro, apenas o incorpora no próprio discurso. Para isso, no entanto, deve contar com a perene interconexão dos teóricos das mais diversas áreas, assim como deve promover uma integração entre os profissionais da redação e da academia. Não pode haver uma lacuna entre os jornalistas que se ocupam da produção e os que se encarregam da reflexão. A dicotomia é incoerente, não tem motivos para existir. Teoria e prática caminham juntas. O trabalho interligado é a única forma viável de discutir nossas questões profissionais e intelectuais.

Sem medo e sem recalques.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. São Paulo, EDUSP, 1992.
- BIERHOFF, Jan, Merk Deuze and Claes de Vreese. **Media innovation, professional debate and media training: an European analysis**. In: www.ejc.nl/hp/ni/contents.html
- CAREY, James W. “Some notes on journalism education”. In **Journalism: theory, practice and criticism**. N. 1(1). 2000. P. 12-23
- COTTLE, Simon. “Rethinking news Access”. In **Journalism Studies**. N.1(3). P. 427-448.
- EDO, Concha. **Periodismo informativo e interpretativo**. Sevilha. CS. 2003.
- FREUD, S. **Edição Standard das Obras Completas**. Vols. I a VII. Rio de Janeiro. Imago. 1988.
- GENRO, Adelmo. **O segredo da pirâmide - para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre, Tchê, 1987
- GOMIS, Lorenzo. **Teoria del periodismo: como se forma el presente**. Barcelona, Paidós, 1991.



- JOST, François. **Comprendre la Télévision**, Paris, Armand Colin, 2005;
- JOST, François. **Introduction à l'Analyse de la télévision**, 2a. Paris, Ellipses Édition Marketing S.A., 2004b;
- JOST, François. Lógica da Tele-realidade. In: **Comunicação Audiovisual: gêneros e formatos**. Porto Alegre, Sulina, 2007.
- JOST, François. **Seis lições sobre televisão**, Porto Alegre, Sulina, 2004.
- LACAN, Jacques. **O Seminário: livro oito (1960-61)**. R.J. Zahar. 1991
- LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Petrópolis, Vozes, 1979.
- KATZ, Elihu. “**The end of journalism**”. In *Journal of Communication*. N. 42(3). 1992. P, 5-13.
- LIPPMANN, Walter. **Public Opinion**. New York. Paperbacks. 1922.
- MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. S.P. Mantiqueira. 2003.
- MAINGUENAU, Dominique. **Análise de textos de Comunicação**. S.P. Cortez. 2004.
- PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo. Editora Contexto. 2005.
- _____. **Sistematizações das teorias do jornalismo em abordagens européias, brasileiras e americanas**. IN: RBCC Vol. XV, nº 1. 2006a .
- _____. **Jornalismo Literário**. São Paulo. Editora Contexto. 2006b.
- ROSEN, Jay. **What are journalists for?** New Haven. Yale University Press. 1999.
- SOUZA, Jorge Pedro. **As notícias e seus efeitos**. Coimbra. Minerva. 2000.
- SCHUDSON, Michael. *Discovering the news: a Social History of American Newspapers*. New York: Basic Books, 1978
- TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teoria e estórias**. Lisboa. Vega. 1993.
- _____. **Teorias do jornalismo**. Florianópolis. Insular. 2004.
- TUCHMAN, Gaye. **Making News: a study in the construction of reality**. New York. Free Press. 1978
- WOLF, Mauro. **Teorie delle Comunicazioni di Massa**. Milão. Ed. Fabri. 1985.
- ZELIZER, Barbie. **Taking journalism seriously**. Routledge. London. 2004.